

SESSÃO DOIS – REIVINDICANDO A NOSSA HERANÇA

Patricia Gemmel, Graal na Austrália

Começamos hoje com o cântico de louvor ao Criador de S. Francisco, louvor devido por todas as obras maravilhosas da criação que vemos e experimentamos todos os dias. A experiência de deslumbramento que temos quando olhamos o mundo natural e o amor e o louvor de Deus que pode provocar: estes são elementos importantes da ecoespiritualidade. Têm estado presentes no Cristianismo desde o início e no entanto, algures ao longo do caminho, tornaram-se marginais em vez de centrais na nossa prática cristã. Precisamos de recuperar o deslumbramento e o louvor na nossa vida espiritual.

Precisamos também de recuperar o nosso sentido de gratidão, o sentido que tudo que rebemos é uma dádiva. Como nos diz o Papa, “a criação só se pode conceber como uma dádiva que vem das mãos abertas do Pai de todos, como uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a uma comunhão universal” (LS 76).

Gostaria de começar a sessão de hoje com um pequeno exercício. Gostaria que tomassem alguns minutos para escreverem todas as bênçãos que recebem da criação e para agradecer a Deus por elas.

Joanna Macy, uma professora americana de ecologia profunda, afirmou, “A gratidão é um ato subversivo a nível cultural” (Delio et a 2008, 63). “Quando reconhecemos as nossas bênçãos, quando praticamos a gratidão, somos menos suscetíveis às forças na nossa sociedade que nos dizem constantemente que precisamos de possuir cada vez mais para sermos felizes. Somos menos suscetíveis de embarcar inconscientemente no hiperconsumismo que está a arruinar o nosso planeta. Por isso tentem incorporar práticas de gratidão na vossa vida diária.

Ontem falei de duas histórias, a história maravilhosa de como o universo surgiu e de como continua a evoluir, e a história devastadora da destruição da terra provocada pela humanidade. Estas duas histórias, tanto individualmente como em conjunto, têm vindo a mudar a perceção das pessoas por todo o mundo, ao longo de décadas, dando origem a movimentos e organizações dedicadas à promoção de desenvolvimento e estilos de vida sustentáveis e à continuidade da rica biodiversidade do planeta. Existem muitos grupos aos quais se poderiam associar amanhã para fazer a diferença. Neste contexto, poderão colocar a vós próprias a seguinte questão, “Por que precisamos de uma teologia ecológica?” Acredito que a ecoteologia é importante por duas razões. Em primeiro lugar, acho que a teologia cristã tem a responsabilidade moral de remediar um passado que não esteve ao serviço da terra. O nosso enfoque na humanidade pecadora e a nossa preocupação com o outro mundo desviaram-nos o olhar da terra enquanto preocupação teológica séria. Paul Collins, um teólogo australiano, afirma até que “ao longo da sua história o Cristianismo injetou uma abordagem negativa na sua teologia em relação ao mundo natural” (Collins 1995, 96). Thomas Berry é ainda mais crítico: “A grande falha do Cristianismo”, diz ele “ao longo de toda a sua história é a sua incapacidade de lidar com a devastação do planeta” (Collins 1995, 152).

Em segundo lugar, e mais importante, o Cristianismo tem algo de positivo a oferecer. Num sentido, este “algo positivo” é intemporal, é aquilo que o Cristianismo sempre ofereceu: a esperança da conversão e da transformação pessoal através de Jesus Cristo, só que hoje a conversão é ecológica, a transformação pessoal é a transformação em alguém que vive de forma simples e pisa esta terra com leveza, e uma nova luz brilha sobre a pessoa de Jesus e o Seu significado. No entanto, e isto também acontece, creio, para pessoas de fé a compreensão *teológica* da razão pela qual devemos orientar a nossa atenção de forma séria para a terra possui um significativo poder de transformação. E também suspeito que para alguns, *apenas* uma compreensão teológica verdadeiramente os transformará. É certamente a minha experiência que novas perspectivas teológicas me transformaram radicalmente. E é por isso que precisamos de uma ecoteologia.

Acho a ecoteologia entusiasmante. Está repleta de um sentido de urgência, da consciência de que nos encontramos numa encruzilhada crucial da nossa história – “um cotovelo do tempo” como o fundador do Graal, Pe. Jacques van Ginneken, teria dito. A não ser que mudemos, e mudemos radicalmente, destruiremos a terra tal como a conhecemos e anos próprios juntamente com ela. A ecoteologia é pioneira, é decerto desafiadora e por vezes conceptualmente difícil, mas é sempre original e nova. Regista assombro, mistério e reverência e convida o leitor (ou ouvinte) a entrar no mistério e a transformar-se.

Embora rasgue novos trilhos, uma das suas tarefas importantes tem sido reclamar algumas das riquezas da nossa tradição e aqui estou a referir-me à teologia da criação que sempre nos acompanhou, embora empurrada para a margem nos últimos 500 anos e frequentemente negligenciada ou esquecida pelos ensinamentos das igrejas cristãs. Por isso gostaria de começar esta manhã por olhar para a história da criação cristã no Génesis.

Sabemos que esta história não nos dá a verdade literal. Mas acreditamos que contém verdade teológica. Que nos diz ela sobre a criação? Creio que todos sabem que é boa e mesmo muito boa. Que é a dádiva abundante de Deus e que Deus a abençoa. Mas até que ponto sabemos mesmo isso? Diarmuid O’Murchu defende que talvez o primeiro passo na conversão ecológica seja “compreender o universo em termos de bênção e não de maldição... A mudança na perceção do mundo enquanto objeto a ser conquistado para uma perceção do mundo como uma dádiva a ser recebida inicia uma expansão da mente e do coração... No nosso mundo comercial e consumista perdemos virtualmente todo o sentido desta generosidade cósmica (O’Murchu 1995). Alguma de vocês leu *Original Blessing* de Matthew Fox? Saiu em 1983 e foi um dos livros espirituais mais lidos e mais influente dos anos 80. Pregava a bênção original em vez do pecado original e muitas pessoas sentiram as suas conceções como libertadoras. Posso dizer sinceramente a partir da minha experiência pessoal que achei que ele apresentava uma visão libertadora do mundo e talvez a sua leitura há 25 anos tenha sido o começo da minha conversão ecológica. É provavelmente ainda um bom livro para se ler. No entanto, voltando à minha questão: a que ponto acreditamos que a criação é a dádiva abundante de Deus? Sentimos isto no âmago do nosso ser? Vive nos nossos corações como fonte das nossas ações? Porque é isto que é absolutamente necessário. A ecoteologia pode dar-nos motivação para mudar, mas a não ser o conhecimento viva no

nosso coração, não nos transformaremos. Precisamos desenvolver uma espiritualidade que nos leve à conversão e nos dê a força interior de que necessitamos.

Enquanto cristãos, temos uma abundância de tesouros nas nossas Escrituras Sagradas para voltarmos os nossos corações e as nossas mentes para o assombro e o mistério da criação de Deus, para a Sua presença aí e para o nosso próprio lugar, humilde mas único e responsável, como criaturas na rede interligada da vida. Temos salmos lindos de louvor ao Criador e à criação, particularmente os Salmos 104 e 148. Temos a literatura sapiencial: Provérbios, Job, o Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, o Livro da Sabedoria e de Bem Sirá.

O Livro de Job, nos capítulos 38-41, contém o mais longo e fundamentado fragmento de escrita da Bíblia sobre a natureza, e encorajo-vos a estudá-lo se não estiverdes já familiarizadas com ele. Nas palavras de Elizabeth Johnson, “a sua visão teológica oferece um antídoto forte à arrogância humana que nasceu na era moderna a partir da visão de domínio como dominação” (Johnson 2014, 269). É um texto espantoso que sublinha a disparidade entre Deus e as criaturas de Deus e coloca Job firmemente no seu lugar, que não é o centro de tudo, mas está ao lado de tudo o resto. Deus metralha Job com pergunta após pergunta: “Onde estavas quando a Terra foi medida, quando os astros começaram a cantar em conjunto, quando coloquei diques no mar e foram estabelecidos limites às suas soberbas ondas? Ordenaste à luz que se erguesse pela madrugada? À neve e chuva que caíssem mesmo onde os homens não habitam? Ao trovão e ao raio que se ergam? A Orion e às outras constelações que percorram o seu curso através do céu?” (Johnson 2014, 269-270). Nós, seres humanos, somos certamente postos no nosso lugar aqui.

E a seguir segue-se uma litania de questões que têm a ver com o mundo animal, com o qual, obviamente, Deus se deleita imenso. Eis um breve exemplo:

Quem pôs o asno selvagem em liberdade

e lhe soltou as peias?

Dei-lhe a estepe como morada

e a terra salitrosa para lugar de habitação.

Ele ri-se do tumulto das cidades

e não tem que ouvir os gritos do cocheiro;

vagueia pelos montes, onde pasta,

e vai atrás de toda a erva verde.

Job 39:5-8

Cada criatura é amada por si própria, no seu estado natural e em toda a sua integridade, e é-nos proporcionada a possibilidade de partilharmos profundamente o deleite e amor de Deus. No fim desta magnífica fala, Job, e o leitor juntamente com ele, tem um reflexo de Deus muito maior do que possamos sequer imaginar, mas também um reflexo de uma forma de estar no cosmos, uma forma de estar marcada, tanto pela humildade, como pela alegria. Johnson apoia uma tal resposta à voz de Deus no remoinho, para que “sentindo-nos humildes e deleitados pelo resto da vida ao nosso

redor, possamos crescer no conhecimento de nós próprios como membros da comunidade de criação e tomar a iniciativa de proteger os nossos parentes ” (Johnson 2014, 273).

E claro que há a vida de Jesus nos Evangelhos. Em *Laudato Si*, o Papa Francisco dedica 5 parágrafos “ao olhar de Jesus”, para nos mostrar o que podemos aprender com ele. Deixem-me sintetizar brevemente: “Em colóquio com os seus discípulos, Jesus convidava-os a reconhecer a relação paterna que Deus tem com todas as criaturas... Quando percorria os quatro cantos da sua terra, detinha-Se a contemplar a beleza semeada por seu Pai e convidava os discípulos a individuarem, nas coisas, uma mensagem divina... Jesus vivia em plena harmonia com a criação, com grande maravilha dos outros... Encontrava-Se longe das filosofias que desprezavam o corpo, a matéria e as realidades deste mundo... Segundo a compreensão cristã da realidade, o destino da criação inteira passa pelo mistério de Cristo, que nela está presente desde a origem...as criaturas deste mundo já não nos aparecem como uma realidade meramente natural, porque o Ressuscitado as envolve misteriosamente e guia para um destino de plenitude. As próprias flores do campo e as aves que Ele, admirado, contemplou com os seus olhos humanos, agora estão cheias da sua presença luminosa.” (96-100)

Denis Edwards escreveu sobre a ecologia a partir de praticamente todas as perspetivas teológicas que existem, por isso não é de estranhar que tenha escrito um livro intitulado *Jesus and the Natural World (Jesus e o Mundo Natural)*. Escreve ele neste livro, “A importância do mundo natural para Jesus pode ser vislumbrado em dois aspetos da sua vida e ministério: as suas pregações sobre o Reino de Deus em parábolas do mundo natural e a sua oração a Deus feita no exterior” (Edwards 2012, 27). Com respeito às parábolas, ele considera que “são obra de alguém que vê o mundo natural como dádiva de Deus e lugar da presença divina” (Edwards 2012, 28). Deixarei ao vosso critério voltar a ler os Evangelhos e descobrir isto por vós próprias. E quando o fizerem, vejam quantas vezes Jesus reza ao ar livre, começando com as tentações no deserto durante 40 dias e acabando no jardim de Getsémani. Podíamos aprender muito da relação de Jesus com a criação, assim como com o que Ele diz dela. Oçam estas palavras ditas por ele:

Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam nem recolhem em celeiros; e o vosso Pai celeste alimenta-as... Olhai como crescem os lírios do campo: não trabalham nem fiam! Pois Eu vos digo: Nem Salomão, em toda a sua magnificência, se vestiu como qualquer deles... Não se vendem dois pássaros por uma pequena moeda? E nem um deles cairá por terra sem o consentimento do vosso Pai! (Mt 6 :26, 28-9; 10: 29)

É do vosso conhecimento que tem havido ensinamento católico sobre ecologia nos últimos 25 anos? A recente encíclica do nosso Papa Francisco não surgiu do nada, mas tem uma fundação sólida nos recentes ensinamentos da Igreja. A 1 de janeiro de 1990, o Papa João Paulo II publicou um documento para o Dia Mundial da Paz intitulado “Paz com Deus Criador; Paz com toda a Criação”, que iniciava afirmando que “uma nova consciência ecológica está a começar a emergir a qual, em vez de ser minimizada, deveria ser encorajada a desenvolver programas e iniciativas concretas”. Em várias encíclicas e documentos ele denunciou a destruição ambiental e encorajou a conversão

ecológica. Bento XVI adotou uma abordagem semelhante e vale a pena ler a sua Mensagem para o Dia Mundial da Paz em 2010, “Se Quiseres Cultivar A Paz, Preserva A Criação”. Quero agora olhar para o que ele aí diz sobre Deus dando a Adão domínio sobre toda a terra. Sabemos que esta ideia deu legitimidade durante séculos à exploração dos recursos da terra pela civilização ocidental. Sabemos que o Cristianismo tem que aceitar alguma responsabilidade aqui. Eis o que Bento:

O ser humano deixou-se dominar pelo egoísmo, perdendo o sentido do mandato de Deus, e, no relacionamento com a criação, comportou-se como explorador pretendendo exercer um domínio absoluto sobre ela. Mas o verdadeiro significado do mandamento primordial de Deus, bem evidenciado no livro do *Génesis*, não consistia numa simples concessão de autoridade, mas antes num apelo à responsabilidade. Aliás, a sabedoria dos antigos reconhecia que a natureza está à nossa disposição, mas não como «um monte de lixo espalhado ao acaso», enquanto a Revelação bíblica nos fez compreender que a natureza é dom do Criador, o Qual lhe traçou os ordenamentos intrínsecos a fim de que o homem pudesse deduzir deles as devidas orientações para a «cultivar e guardar» (cf. *Gn 2, 15*). Tudo o que existe pertence a Deus, que o confiou aos homens, mas não à sua arbitrária disposição. E quando o homem, em vez de desempenhar a sua função de colaborador de Deus, se coloca no lugar de Deus, acaba por provocar a rebelião da natureza, «mais tiranizada que governada por ele». O homem tem, portanto, o dever de exercer um governo responsável da criação, preservando-a e cultivando-a.

Também o Papa Francisco está bem consciente de quanto a civilização ocidental tem sido influenciada por um equívoco em relação à ordem de Deus no Génesis. Diz ele:

Se é verdade que nós, cristãos, algumas vezes interpretámos de forma incorreta as Escrituras, hoje devemos decididamente rejeitar que, do facto de ser criados à imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre as outras criaturas. É importante ler os textos bíblicos no seu contexto, com uma justa hermenêutica, e lembrar que nos convidam a «cultivar e guardar» o jardim do mundo (cf. *Gn 2, 15*). Enquanto «cultivar» quer dizer lavar ou trabalhar um terreno, «guardar» significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza. Cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo de que necessita para a sua sobrevivência, mas tem também o dever de a proteger e garantir a continuidade da sua fertilidade para as gerações futuras.

Gostaria de referir um outro aspeto sobre Génesis 2: 15, “O Senhor Deus tomou o homem e colocou-o no jardim do Éden para que o cultivasse e guardasse”. A palavra hebraica que normalmente traduzimos por “cultivar ou “trabalhar” é *abad*, que significa também “servir”. Ora aqui está uma ideia interessante – a nossa vocação humana é servir a terra. Isto faz certamente sentido à luz do facto de Jesus de Nazaré ter vindo para servir e não para ser servido (Mt 20: 28).

Gostaria agora de falar sobre *Care for Creation: A Franciscan spirituality of the Earth*, escrito por três pessoas, Ilia Delio, Keith Douglass Warner e Pamela Wood. Por duas razões. Em primeiro lugar, porque eles não só reconhecem que nós, os leitores, temos que ir para além da teologia para refletirmos profundamente e rezar e agir, mas porque

eles dedicam vários capítulos a sugestões práticas de formas através das quais podemos desenvolver a nossa ecoespiritualidade e a nossa prática ecológica. Recomendo vivamente este livro. Utilizei uma das suas meditações guiadas ontem e vou usar outra no final da sessão de hoje. A outra coisa de que vos quero falar é da espiritualidade Franciscana. Eis outro tesouro da nossa herança cristã que faríamos bem reclamar para o momento presente. Primeiro, há a vida do próprio S. Francisco que pode servir-nos de modelo de vida. Foi uma vida de penitência fisicamente difícil e, compreensivelmente, não uma vida que nos atraia muito, embora gostássemos de adotar a sua relação amorável para com toda a criação. Onde encontrou ele a motivação e a coragem para viver uma vida tão contracorrente mas tão feliz? Na mesma fonte onde muitas de nós encontram essa motivação e coragem: na nossa relação com o divino, alimentada pelas Escrituras, reflexão, oração e serviço dedicado aos outros.

Francisco sentia-se em casa no universo e considerava a terra como a morada de Deus, não sua. Ele é um dos primeiros ecologistas profundos. Se não estão familiarizadas com o termo “ecologia profunda” é uma filosofia e um movimento que surgiu nos anos 70; a sua convicção central é o valor intrínseco de cada criatura viva. Francisco sentia um parentesco com toda a criação. Podemos ver isto claramente no Cântico das Criaturas, onde cada coisa criada é tratada por irmão ou irmã – irmão Sol, irmã Lua, etc. No *Care for Creation*, lemos: Francisco vivia uma relação horizontal, não vertical, com a terra. Manifestava uma ética familiar ou de parentesco... na tradição franciscana, a criação tem integridade e valor intrínseco não por causa do seu ‘valor económico’ mas porque ela é uma reflexão de Deus” (Delio et al 2008,77).

Há aqui duas ideias importantes para a conversão ecológica. Primeiro, existe a ideia de que a criação é um reflexo, ou revelação, de Deus. O grande Santo Agostinho disse que havia dois livros que revelavam Deus: o livro da natureza e o livro das Escrituras. Eis o que ele disse: “Outros, para encontrar Deus, leem um livro. Bem, de facto existe um certo livro excelente, o livro da natureza criada. Olhem para ela cuidadosamente de cima a baixo, observem-na, leiam-na. Deus não fez letras de tinta para O reconhecerdes; colocou perante os vossos olhos todas estas coisas que criou. Para quê procurar uma voz mais alta? O céu e a terra gritam-vos, “Deus criou-me”. Podem ler o que Moisés escreveu; para o escrever, que leu Moisés, um homem a viver no tempo? Observai o céu e a terra com um espírito religioso” (Johnson 2014, 152).

Nos séculos XII e XIII, Hildegard de Bingen, Francisco de Assis, Boaventura e Tomás Aquino, todos falaram da criação como algo que nos comunicava o conhecimento e a presença do divino. E depois a igreja no essencial parece ter perdido isto de vista. A ecoteologia e a ecoespiritualidade está a reivindicar estas noções da nossa herança comum, assim como reivindica a noção do nosso parentesco com a criação. De facto, este é talvez um dos temas mais obviamente importantes na literatura. Atinge o coração da nossa fé que os seres humanos estão no topo da ordem natural, superiores a tudo o mais, e por isso é o antídoto mais potente que temos para lidar com a crise da biodiversidade que abordámos ontem. Se pudéssemos ver-nos de forma diferente, como irmão ou irmã de cada coisa viva, então não seríamos indiferentes ao ritmo acelerado da extinção das espécies; faríamos alguma coisa para a parar. Mais ainda, esta noção de

parentesco, que podemos apreender nalguns dos salmos hebraicos e no *Cântico* de S. Francisco, está firmemente baseada na ciência e é algo em que os ecologistas profundos acreditam há muito tempo. Como Elizabeth Johnson tão eloquentemente afirma, “Uma comunidade de descendentes é o elo escondido que liga todos os seres vivos numa narrativa de vida e morte que se entende por milhões de anos. A teoria de Darwin revela a afinidade interior de todos os seres orgânicos uns com os outros” (Johnson 2014, 63).

Denis Edwards é um renomado ecoteólogo australiano cristão e autor de muitos livros e eu tive a felicidade de participar num seu seminário de três dias há alguns anos. Ele fala apaixonadamente sobre a nossa relação com outras criaturas e temos a impressão que ele se preocupa profundamente com elas. Chama-lhes sacramentos da presença divina. Ele acredita que devemos imitar Deus cuidando de cada andorinha que cai. Propõe que a visão da realidade na Bíblia está centrada em Deus e não na humanidade e que isto nos fornece a estrutura de que precisamos para desenvolver a nossa compreensão teológica de parentesco com a criação.

A questão para nós é de como nos apropriarmos deste sentido de parentesco? Como incorporá-lo na nossa espiritualidade e torná-lo realidade? Que significaria para a forma como nos relacionamos com as outras criaturas na terra? Gostaria de regressar brevemente a S. Francisco. S. Boaventura, que escreveu a história da vida de S. Francisco com um conhecimento pessoal, mostrou-nos que “através da união com Cristo, Francisco estava no meio da criação como um irmão, e que, por sua vez, toda a criação lhe falava de Cristo” (Delio et al 2008, 83). Existe aqui um verdadeiro padrão cíclico, não é? A vida espiritual de Francisco com Cristo fê-lo ver cada criatura como um irmão ou uma irmã, enquanto por sua vez elas lhe mostravam Cristo. Temos um sentido do diálogo contante e profundo que Francisco tinha com Cristo e com o mundo, levando-o cada vez mais perto do mistério de Deus.

Francisco pode ensinar-nos muito ao tentarmos transferir o nosso conhecimento ecológico da cabeça para o coração. Precisamos refletir profundamente e precisamos agir. Em *Care for Creation*, os autores compreendem isto e fornecem exercícios e ideias para nos levar a pensar, a sentir e a agir. Apresentam um exame de consciência ecológico franciscano – é muito desafiador, asseguro-vos. Apresentam sugestões práticas de como simplificar a vida, construir uma comunidade solidária, agir na nossa comunidade. Cada uma de nós tem a sua forma própria de lidar com o desafio da conversão ecológica, mas se aquele for autêntico, tirar-nos-á efetivamente das nossas zonas de conforto e efetivará mudanças radicais nas nossas vidas.

Preparei algumas leituras de S. Francisco para refletirem, uma de *Laudato Si* e uma de *Care for Creation*. Tomemos agora algum tempo para ler e refletir e partilhar as nossas reflexões.

O Papa Francisco em *Laudato Si* convida-nos a ver o mundo através dos olhos de S. Francisco: “Se nos aproximarmos da natureza e do meio ambiente sem esta abertura para a admiração e o encanto, se deixarmos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo, então as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais, incapaz de pôr um limite

aos seus interesses imediatos. Pelo contrário, se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solícitude.” (LS 11)

S. Francisco é um modelo de conversão ecológica e de vida para nós, mas há mais no legado franciscano do que S. Francisco. A teologia de S. Boaventura no século XIII e do Beato João Duns Scoto no XIV, ambos franciscanos, foi recuperada recentemente por ecoteólogos por oferecerem ideias importantes sobre a Trindade, a criação e a encarnação. Refiro isto de passagem, no caso de alguma estar interessada em explorá-las em maior profundidade. Denis Edwards e Elizabeth Johnson foram ambos muito influenciados por estes eruditos franciscanos. Já referi diversas vezes que uma espiritualidade ecológica necessita de ter uma dimensão contemplativa. Isto é bem perceptível em toda a literatura. Neste aspeto, temos uma tradição mística séria e continuada na Igreja Católica que nos pode ajudar a este respeito. Não tenciono dizer muito sobre isso neste momento, mas voltarei a referi-lo na minha última intervenção. No entanto, menciono-o aqui porque acho que é um dos grandes tesouros da nossa religião e um que decerto nos pode iluminar na nossa jornada ecológica.

Amanhã irei falar sobre Deus, a Trindade, e mostrar-vos-ei como os ecoteólogos expandiram aquilo que pensávamos sobre Deus em algo lindo, de tirar a respiração.

Vamos terminar a sessão desta manhã com uma meditação guiada de *Care for Creation, A Criação como Família*”, 96-99.

“Ao iniciares o teu tempo de oração, encontra uma posição confortável e cerra os olhos. Foca a atenção na respiração e deixa o corpo relaxar. Presta apenas atenção à tua respiração, sem necessidade de a modificar de nenhuma forma. Quando o teu pensamento divagar, foca-o novamente na respiração, deixando-o repousar aí à medida que o vosso corpo começa a relaxar.

Traz à consciência o facto da tua respiração funcionar por si própria, sem qualquer ato de vontade. Não é necessária qualquer decisão para inspirar ou respirar, para realizar este ato simples e sustentador da vida. É quase como se estivesses a ser respirada, respirada pela vida. Passa alguns minutos agora imaginando-te a ser respirada desta forma – o Espírito movendo-se através de ti a cada instante, num ato cheio de graça enchendo cada uma das tuas células com oxigénio, todos os momentos da tua vida, quer estejas consciente disso ou não.

Agora volta a tua atenção para as pessoas à tua volta. Também elas estão a ser respiradas pela vida neste preciso momento. Deixa que os rostos dos que amas – família e amigos – desfilem lentamente pela tua mente. Onde quer que estejam, seja o que for que estejam a fazer, também eles estão a ser animados pela vida, pelo Espírito que nos liga a todos.

Imagina este círculo de união alargando-se, para além dos teus entes queridos, a outros em todo o espaço onde vives... pessoas conduzindo e comendo, pessoas dormindo, lendo, dançando, pessoas saboreando uma refeição em conjunto ou indo para a igreja; pessoas a dar à luz, pessoas a morrer; pessoas rindo e pessoas chorando, pessoas em hospitais e lares, pessoas na prisão, pessoas em aldeias, em quintas, em grandes cidades por todo o mundo, pessoas em localidades devastadas pela guerra, pessoas por todo o globo, dormindo do outro lado do planeta, pessoas acabando de acordar à medida que a Terra se volta para o sol - todas elas estão a ser alentadas pela vida neste preciso momento.

Alarga agora o teu círculo de solicitude ainda mais para incluir toda a criação. Começando pelos mamíferos, lembra-te dos animais de estimação que tenhas em casa. Recorda a seguir todos os animais no teu ecossistema. Estes seres irmãos e irmãs são também alentados pela vida hoje. Com eles, fazemos parte duma rede diversificada de vida que ultrapassa a compreensão humana.

Lembra-te agora de todos os pequenos seres – abelhas, moscas, libelinhas, borboletas, aranhas. Pensa em todos os serviços que nos prestam – eles que ajudam a polinizar as flores e as plantas, que ajudam a reciclar o lixo, que enriquecem o solo – todos eles desempenham um papel crucial na inter-relação do mistério da vida no nosso planeta. Traz à memória também as criaturas aladas – andorinhas, aves canoras, grandes aves de rapina. Trá-las para o teu círculo de consciência, todas as criaturas de Deus animadas pela vida neste preciso momento.

Recorda também as criaturas que vivem nas águas do nosso planeta – peixes, golfinhos, baleias, medusas e rãs, plâncton e fitoplâncton e todas as criaturas microscópicas que flutuam nos nossos mares e formam a base da nossa cadeia alimentar. Somos todos parentes na genética na grande comunidade de vida que emergiu dos mares ancestrais. Agradece a estas criaturas, parte da família da criação que também participam na grande respiração do nosso mundo.

Alarga agora o teu círculo de consciência para incluir aquele manto vivo de vegetação que é o lar de milhões de criaturas por todo o globo. Todas as plantas, flores, árvores, algas... também elas participam nesta grande troca de ar, funcionando como pulmões do planeta, regenerando constantemente toda a atmosfera na dança mútua de respiração que nos sustem a todos.

Estamos ligadas através do tempo e do espaço a todas as criaturas e a nossa casa fica num universo dinâmico e em expansão. Somos feias de pó de estrelas, juntamente com tudo o resto no universo. Como humanos, desenvolvemos a capacidade, não apenas de conhecer, mas de refletir sobre o que conhecemos. Através dos humanos a criação tornou-se consciente. Porque podemos refletir sobre o nosso conhecimento, podemos fazer escolhas e assim mudar o curso das coisas. Podemos aprender da criação como amar e louvar o Criador e podemos usar a nossa voz humana para falar em nome de tudo o que foi criado. Dirigindo a nossa atenção para a nossa respiração, mesmo que apenas por uns minutos, exercita aquela requintada capacidade de atenção que acompanha o dom precioso de se ser humano. Quando a nossa sociedade

gostaria de nos aprisionar no medo, o Espírito inspira e expira através de nós, recordando-nos da nossa pertença intrínseca à família da vida, permitindo-nos religar-nos ao Criador em qualquer altura, em qualquer lugar.

Quando estiveres pronta, faz regressar a tua atenção a esta sala, às sensações da respiração ao inspirar e expirar através de ti este mistério de vida, recordando que ela está sempre presente, quer estejamos conscientes dela ou não, para nos chamar de novo à relação com toda a vida – com este planeta vivo, com as criaturas que são nossos irmãos e irmãs, ligados no amor de Deus no cântico vivo da criação. Detém-te para dar graças por este magnífico parentesco de vida que nos foi oferecido. Formula a intenção de caminhar como Francisco, mais consciente da interligação e sacramentalidade de toda a criação ao longo do teu dia hoje. A qualquer momento, podes retirar energia da família da criação da qual és parte e trazer esta energia e sabedoria para a tua vida diária. Quando estiveres pronta, abre os olhos.

Leituras da Sessão Dois

S. Francisco de Assis

10. Não quero prosseguir esta encíclica sem invocar um modelo belo e motivador. Tomei o seu nome por guia e inspiração, no momento da minha eleição para Bispo de Roma. Acho que Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade. É o santo padroeiro de todos os que estudam e trabalham no campo da ecologia, amado também por muitos que não são cristãos. Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. Amava e era amado pela sua alegria, a sua dedicação generosa, o seu coração universal. Era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior.

11. O seu testemunho mostra-nos também que uma ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põem em contacto com a essência do ser humano. Tal como acontece a uma pessoa quando se enamora por outra, a reação de Francisco, sempre que olhava o sol, a lua ou os minúsculos animais, era cantar, envolvendo no seu louvor todas as outras criaturas. Entrava em comunicação com toda a criação, chegando mesmo a pregar às flores «convidando-as a louvar o Senhor, como se gozassem do dom da razão». A sua reação ultrapassava de longe uma mera avaliação intelectual ou um cálculo económico, porque, para ele, qualquer criatura era uma irmã, unida a ele por laços de carinho. Por isso, sentia-se chamado a cuidar de tudo o que existe.

São Boaventura, seu discípulo, contava que ele, «enchendo-se da maior ternura ao considerar a origem comum de todas as coisas, dava a todas as criaturas – por mais desprezíveis que parecessem – o doce nome de irmãos e irmãs». Esta convicção não pode ser desvalorizada como romantismo irracional, pois influi nas opções que determinam o nosso comportamento. Se nos aproximarmos da natureza e do meio ambiente sem esta abertura para a admiração e o encanto, se deixarmos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo, então as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais, incapaz de pôr um limite aos seus interesses imediatos. Pelo contrário, se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solicitude. A pobreza e a austeridade de São Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de mais radical: uma renúncia a fazer da realidade um mero objeto de uso e domínio.

12. Por outro lado, São Francisco, fiel à Sagrada Escritura, propõe-nos reconhecer a natureza como um livro esplêndido onde Deus nos fala e transmite algo da sua beleza e bondade: «Na grandeza e na beleza das criaturas, contempla-se, por analogia, o seu Criador» (*Sab* 13, 5) e «o que é invisível n'Ele – o seu eterno poder e divindade – tornou-se visível à inteligência, desde a criação do mundo, nas suas obras» (*Rm* 1, 20). Por isso, Francisco pedia que, no convento, se deixasse sempre uma parte do horto por cultivar para aí crescerem as ervas silvestres, a fim de que, quem as admirasse, pudesse elevar o seu pensamento a Deus, autor de tanta beleza. O mundo é algo mais do que um problema a resolver; é um mistério gozoso que contemplamos na alegria e no louvor.

Ilya Delio, Keith Douglass Warner, Pamela Wood, *Care for creation: A franciscan spirituality of the earth*, “What is ours to do?” pp 78-9

Francisco observava as criaturas de Deus e aprendia delas. Com os pássaros, compreendeu que tinha a responsabilidade de lhes pregar, de cuidar deles, de partilhar com eles a sua identidade essencial de criaturas de Deus. Com as minhocas, aprendeu a humildade. Vivia com simplicidade perto do solo e da terra. Com as abelhas aprendeu a comunidade, a convivialidade. Louvava o trabalho árduo e a vida comunitária delas. Francisco sentia-se irmão de toda a criação. Se compreendermos a nossa identidade como sendo a de irmãs e irmãos de toda a criação, que precisamos fazer?

Uma identidade franciscana deveria dar origem a uma consciência e a uma preocupação particulares. Em conjunto, elas podem ajudar-nos a aprofundar a espiritualidade da nossa Irmã Mãe Terra. Em primeiro lugar, temos que recuperar o nosso nicho ecológico, o nosso papel na criação baseado na nossa

identidade como “em-relação-com” o resto da Terra. Temos que desenvolver uma maior consciência daquelas escolhas que fazemos que prejudicam a Terra e as suas criaturas. Estas escolhas são individuais e sociais. Fazer escolhas para simplificar as nossas vidas, para diminuir o nosso uso dos recursos, é fundamental para desenvolver uma consciência ecológica franciscana... Mas, essencialmente, podemos ter um impacto maior envolvendo outros. O espírito franciscano é um projeto comum, vivido na relação com outros seres humanos e outras criaturas. Francisco pode inspirar-nos a falar em nome das outras criaturas de Deus, a agir para proteger o seu habitat e a promover políticas que protejam a integridade da vida na Terra.

Aprender a viver em relação é fundamental para seguir o padroeiro da ecologia. Francisco estava aberto à relação, a receber de todos, fossem eles leprosos, irmãos ou irmãs humanos, minhocas, aves, bispos, água, fogo, vento ou a Abençoada Mãe Terra. Francisco reconheceu a Palavra Incarnada de Deus em todas as criaturas vivas.

Meditação como Transformação Social

Na tradição cristã, a contemplação sempre foi vista como um movimento de amor.

É por isso que os frutos da meditação são tanto uma transformação pessoal (transformas-te porque sabes que és amado) como o sentido da transformação social que acontece quando houver um número suficiente de nós neste planeta que experimentaram esse amor. A meditação não é apenas uma espiritualidade privada. É uma forma de amor que nos transforma em irmãos e irmãs e em habitantes responsáveis deste universo. (Laurence Freeman, *Meditation Talks* 2005 A)

Enfrentamos hoje uma crise global a uma escala sem precedentes. Os problemas do mundo são muito grandes e muito complexos. O que é necessário é uma nova consciência, uma nova forma de olhar, uma nova forma de ver. E é assim que nós, com a nossa fé cristã, podemos contribuir para isso, porque na contemplação é exatamente isso que encontramos: uma nova forma de ver Deus, uma nova forma de responder à presença de Deus no mundo. (Laurence Freeman, *Meditating as a Christian*)